

Memórias do Judô de Jigoro Kano – os Katas

Introdução

O material a seguir é uma tradução livre de trechos do livro *Judo Memoirs of Jigoro Kano: early history of judo*¹, de autoria de Brian Watson, faixa preta 4º Dan, nascido na Inglaterra e antigo estudante pesquisador na Kodokan. O Prof. Watson é tradutor de língua japonesa para o inglês, e tem diplomas de estudos japoneses na Tokyo School of the Japanese Language, Takushoku University, Tokyo e University of London.

O livro em apreço resulta de uma série de entrevistas dadas pelo Mestre Kano já em meio a seus sessenta anos de idade. O entrevistador foi Torahei Ochiai, diretor de escola secundária e antigo aluno de Kano, que manteve por escrito suas respostas. O material foi primeiramente publicado em uma série de artigos, entre janeiro de 1927 e dezembro de 1928, na revista mensal do Conselho Cultural da Kodokan, chamada *Sako*. Em 1992, a totalidade dos discursos de Kano juntamente com vários de seus artigos para as revistas mensais *Judo* e *Yuko no Katsudo*, foram ordenados e republicados no *Kano Jigoro Chosakushu* (Trabalhos Coletados de Jigoro Kano) volume III.

Esta tradução para o português foi feita com a esperança de trazer alguma informação original sobre a criação e o desenvolvimento de alguns *katas*² da Kodokan, visando a ilustrar os cursos de *Kata* promovidos pela Federação Gaúcha de Judô.

Quaisquer imperfeições no texto devem ser atribuídas ao tradutor, tendo em vista não ser esta a sua especialidade, sujeito às falhas de quem não é um profissional da área. Por esta razão deixo meu profundo agradecimento ao Prof. Watson que gentilmente me autorizou a verter os presentes excertos de seu livro.

O texto que segue, há que ser lido como sendo informações dadas diretamente pelo Mestre Kano a seu interlocutor, Torahei Ochiai.

Texto : *Judo Memoirs of Jigoro Kano: early history of judo* – págs. 77/83

“55. Criação dos *Katas* do Judô Kodokan

A seguinte é uma breve explanação das circunstâncias ao redor da formulação dos *katas* do Judô Kodokan. Anteriormente³, eu mencionei a situação com respeito ao *jujutsu* ao final do período feudal, quando eu me envolvi na prática do *randori* e do

¹ WATSON, Brian N. *Judo Memoirs of Jigoro Kano: early history of judo*. 2008. Ed. Trafford. Capítulos 55 a 59, páginas 77/83

² Apesar de em japonês o plural de *kata* ou *randori* não ser realizado pelo acréscimo do “s”, para facilidade da escrita em português, neste texto o adicionaremos.

³ Capítulo 8 do mesmo livro: “Do *Jujutsu* ao Judô”

kata do *jujutsu*. Antes daquele tempo, praticamente todo treinamento de *jujutsu* consistia apenas de *kata*. O treinamento do *randori* de *jujutsu*, baseado no *kata*, não foi amplamente introduzido até após 1867. Os mestres de *jujutsu* de então estudavam métodos de aplicar suas técnicas em *randori* e, posteriormente, tal treinamento se tornou popular. Assim, antes do início do período Meiji, em 1868, a vasta maioria dos mestres de *jujutsu* não ensinavam nada de *randori*.

Quando eu comecei a apreender *jujutsu*, com os mestres de Tenjin Shinyo *ryu* e Kito *ryu*, contudo, eles ensinavam ambos, *kata* e *randori*. De um ponto de vista racional, isto é natural, para o *jujutsu* não se deve nunca considerar um ou outro, mas a combinação de ambos.

Aprender *kata* é similar a aprender gramática para o uso na escrita e a prática do *randori* é similar à prática da escrita ela própria. Em outras palavras, para escrever uma composição, o domínio da gramática é necessário. Assim, para efetuar bem o *randori*, conhecimento de *kata* é necessário. E ainda, não importa quão bem se domine a gramática, isto não implica que se possa escrever boa literatura. Por outro lado, se alguém sabe apenas superficialmente a gramática, não pode escrever bem de todo. Este princípio é o mesmo no *jujutsu*, se nós não estudamos *kata*, podemos, todavia, aprender métodos de ataque e defesa, embora, em contrapartida, nós não podemos esperar dominá-los.

O obstáculo, contudo, é que, pela prática constante do *kata* apenas, se pode ser surpreendido se o adversário, inesperadamente, atacar com uma técnica não familiar. Portanto, não importa como se fosse atacado, para ambos, atacante e defensor, o resultado seria uma luta. À luz disso, a prática do *jujutsu* envolvendo ambos, *kata* e *randori*, foi introduzida. Por esta razão eu decidi empreender estudos sobre ambos, *kata* e *randori*. Apesar de nós podermos ganhar muita experiência no *randori*, somos incapazes de executar *kata*. Adicionalmente, a prática do *randori* é mais realista na preparação para um combate verdadeiro e usualmente muito mais interessante que a execução de *kata*. Portanto, se os alunos são deixados a sua própria escolha, a maioria irá, sem dúvida, praticar *randori* e o *kata* será negligenciado.

Nos dias iniciais da Kodokan, eu não ensinava muito *kata*. Eu decidi, entretanto, que quando eu ministrasse lições ocasionais, eu faria isto nos intervalos de descanso dos embates dos *randoris*. Pela mesma razão, eu acredito que não se deve ensinar a gramática isoladamente a estudantes de literatura, mas junto com instruções práticas sobre as habilidades de escrita. Naqueles dias, eu ensinava *kata* pessoalmente, para cada estudante, mas gradualmente o seu número cresceu. Dar instruções individuais a todos os alunos tornou-se um processo que consumia muito tempo. Em virtude disso, eu tive que pedir a um dos meus alunos mais graduados para substituir-me na orientação das sessões de *randori* e eu lembro que tinha dificuldade em decidir qual a

melhor forma de ensinar *kata*. Foi pouco depois disto que eu notei que novos *katas* de Judô eram necessários.

56. Pesquisa de *Kata*

Em seguida do estabelecimento da Kodokan, Eu ensinava aos meus estudantes de Judô os tradicionais *katas* do *jujutsu Tenjin Shinyo* e Kito. Apesar de ambos conterem algumas técnicas excelentes, eu não estava inteiramente satisfeito com eles, uma vez que eu achava que faltava alguma coisa para seu uso prático no judô. Eu, portanto, decidi criar um conjunto completo de *katas* de judô. O primeiro que eu criei foi o *Nage no Kata*. Inicialmente, eu compilei somente dez projeções, posteriormente adicionei mais cinco, sendo as principais adições o *kata-guruma* e o *sumi-otoshi*⁴(sic). Eu não fiz qualquer mudança adicional desde então; assim, o número de técnicas permanece o mesmo hoje, quinze no total.

Eu projetei esses *katas* de judô principalmente com o propósito de ilustrar pontos importantes que eu desejava explicar para meus alunos durante os intervalos na prática dos *randori*. Esses pontos são, em essência, os princípios críticos do judô, por exemplo, mostrando como o equilíbrio do oponente pode ser deslocado em certas direções.

Quando há muitos alunos no *shiai-jo*, eu acho difícil demonstrar todas as técnicas do *Nage no Kata*. Portanto, em um esforço para explicar esses princípios, eu escolheria projeções que são representativas de cada um dos cinco grupos, incluindo as projeções dos três *masutemi* e dos três *yokosutemi* e compararia a maneira como as mãos, quadris ou pernas tomam parte na correta execução das projeções. Através da prática do *Nage no Kata*, meus alunos se tornaram melhor adaptados a aprender mais rapidamente como essas técnicas de projeções poderiam ser executadas com máxima eficácia no *randori*. Similar em número ao *Nage no Kata*, o *Katame no Kata* agora também compreende quinze técnicas, mas originalmente ele também continha apenas dez. As técnicas de trabalho no solo são divididas em três grupos: imobilizações, estrangulamentos e chaves de braço. Novamente, pela prática do *Katame no Kata*, estudantes podem rapidamente apreender a melhor forma e em que direção reagir, em resposta às tentativas de escapar do oponente.

⁴ No texto original a referência é ao *sumi-otoshi*, apesar de hoje esta técnica não fazer parte do *Nage no Kata* e não conhecermos nenhuma outra referência de que ela tenha algum dia composto este *kata*. Temos notícia apenas da inclusão do *kata-guruma* no lugar do *sukui-nage*, ocorrida a partir do verão de 1907, de acordo com Sakujiro Yokoyama e Eisuke Oshima no seu livro *JUDO*, Ed. Nishodo, 1915, Tokyo, pag. 124. No mesmo livro há referência à incorporação do *sumi-gaeshi* ao *ma-sutemi-waza*, na mesma época da alteração do *te-waza*, (no verão de 1905 - pág. 157), apesar do claro desencontro de datas em relação ao *kata-guruma*. Entretanto, pelas razões expostas, pensamos que tenha havido erro, ou na tradução do Prof. Watson, ou no texto original no qual ele pesquisou, e que a técnica acima referida seja em verdade o *sumi-gaeshi*, já que *sumi-otoshi* não consta do rol de técnicas do *Nage no Kata* e não é um *sutemi-waza*.

Eu concebi o *Kime no Kata* algum tempo depois. Originalmente eu planejei usar somente quatorze ou quinze técnicas. Contudo, a sua forma final atingiu vinte no total, oito executadas na forma ajoelhada, *seiza*, em doze na posição em pé.

Por força da prática de ambos, *Nage no Kata* e *Katame no Kata*, os estudantes se habilitam a apreender rapidamente os princípios básicos do *randori*. *Kime no Kata*, por sua vez, é completamente diferente; ele é um *kata* de combate, e como tal é algumas vezes referido como *Shiken Shobu no Kata*. Técnicas desse tipo, utilizando imitação de armas em madeira, são baseadas em situações de vida ou morte e são frequentemente ensinadas nas escolas de *jujutsu*.

Talvez isso não seja verdade em todos os casos, mas tem sido dito frequentemente que *jujutsuka* dos tempos antigos executavam *kata* não como muitos praticantes de artes marciais fazem hoje, quase passivamente, mas com extrema vivacidade e determinação. Algumas técnicas de *kata* do *jujutsu* são perigosas demais para serem permitidas no *randori*. Aos iniciantes tais habilidades são ensinadas passo a passo e em câmara lenta. Este método de ensino, contudo, tende a resultar em que os estudantes sejam um pouco menos proficientes na execução das técnicas do que seria desejável para utilização no campo de batalha. Eu acredito que as principais razões para a criação e prática dos *katas* não são ainda plenamente entendidas por muitos estudantes de judô dos dias modernos e, portanto, os alunos falham em apreciar a verdadeira relevância dos *katas*. Quando isto ocorre e eles são incapazes de compreender o real propósito de uma técnica do *kata* eu me sinto um pouco desapontado.

57. *Katas* de Judô Endossados pela *Butokukai*⁵

Em 1906, quando eu estava finalizando a compilação do *Katame no Kata* e *Kime no Kata*, recebi conselhos e cooperação de vários mestres de *jujutsu*. Eles eram todos membros do *Dai Nippon Butokukai*, que naqueles dias era comandada pelo Visconde Kanetake Oura. É claro, era natural que cada mestre de *jujutsu* desejasse promover a prática das técnicas de *kata* de sua própria escola; apesar disso, o consenso geral foi de que somente um conjunto de *katas* de judô fosse padronizado pela *Dai Nippon Butokukai*. Após discussões com esses professores e com a habilidosa assistência de Hidemi Totsuka do *Totsuka-ha Yoshin ryu* e Kumon Hoshino do *Shiten ryu*, eu concebi *katas* de judô que eram baseados na arte do *jujutsu*. Estes *katas* do judô foram, sob a aprovação do comitê de mestres de *jujutsu*, finalmente sancionados pela *Butokukai* para uso em todo país.

Eu posteriormente criei um *Kodokan Shobu no Kata* básico, no qual incorporei várias novas técnicas. O comitê de professores de *jujutsu*, comandados por Totsuka Hoshino e eu, finalizamos as oito técnicas sentadas e doze em pé para o *Kime no Kata*. Este foi,

⁵ *Dai Nippon Butokukai* - Centro nacional de estudos de artes marciais.

incidentalmente, o *kata* fundamental a partir do qual outros *katas* da Kodokan foram criados. Baseado nas técnicas recém compostas e minhas próprias pesquisas preliminares de *jujutsu*, eu sustentei que o Kime no *Kata* era adequado não apenas para prática na Butokukai, mas também para prática na Kodokan.

Meu *Katame no Kata* original foi concebido para a *Butokukai* e continha dez técnicas, mas eu depois adicionei mais cinco e esta versão revisada finalmente foi sancionada pela *Butokukai*. Eu também considerei o *Katame no Kata* um prática adequada para os estudantes da Kodokan. Uma vez que o *Nage no Kata* passou pelo comitê da *Butokukai* sem nenhuma recomendação de mudança, ele é hoje, em todos os aspectos o *Nage no Kata* original da Kodokan.

58. Ju no *Kata* e Go no *Kata*

Ju no Kata não é um *kata* representativo (característico) da *Butokukai*, mas uma criação da Kodokan, muito diferente dos *kata* tradicionais. Ele é agora, contudo, praticado não apenas na Kodokan, mas também na *Butokukai* e outras instituições. O *Ju no Kata* foi criado ao redor de 1887. Executando este *kata* se pode aprender muito da teoria do judô. Por exemplo, se aprende a apreciar a essência do provérbio japonês *Ju yoku go o seisuru*: o macio e flexível sobrepuja o duro e forte. Nos primeiros dias da Kodokan, quando poucos estavam praticando Judô, eu era capaz de instruir cada treinando (aluno) durante as sessões de *randori* aconselhando-os em certos pontos qual a melhor forma de exercer a força, quando mover-se para frente, para trás, etc. Com o crescimento do número de alunos, logo se tornou uma tarefa impossível para mim, guiar cada um individualmente. Como resultado desta falta de instrução individual, eu logo notei que um crescente número de alunos estava, por ignorância, gastando muita energia em esforços vãos, tanto em situações de *tachiwaza* como em *newaza*.

Para tentar remediar esta tendência, eu decidi dar instruções sobre a teoria da não-resistência. Se meu oponente me empurra, eu recuo; se puxado, eu não resisto, mas avanço em direção a ele e fazendo isto eu anulo sua força de maneira a sobrepujá-lo e finalmente ganhar vantagem sobre ele. Portanto, fazendo os estudantes praticar o *Ju no Kata*, eu fui hábil em mostrar-lhes formas efetivas de contrapor-se às aproximações ofensivas dos oponentes. Adicionalmente, aqueles que, por qualquer razão, tinham o *randori* como por demais extenuante, frequentemente favoreciam a prática do *Ju no Kata*. Esse *kata* é propício para mostrar aos estudantes como derrotar os oponentes e como mover seus braços e pernas sem excessivo esforço. Por meio da prática do *Ju no Kata* tais objetivos podem ser atingidos. De tal maneira, a prática de sessões duras e cansativas é evitada e, porque o oponente nunca é realmente arremessado, praticar sobre *tatami* é desnecessário; assim, o *Ju no Kata* pode ser executado sobre um piso

de madeira ou mesmo ao ar livre. Além disso, o executante não precisa puxar fortemente a manga e gola do oponente; portanto, utilizar o *judo-gi* é desnecessário. Assim, o *Ju no Kata* pode ser praticado utilizando-se as roupas comuns do dia a dia, inclusive o uso de traje de trabalho. Quando o oponente tenta um golpe, se aprende como melhor procurar evitar o impacto. Caso o oponente cerre o punho e ataque, se deve primeiro evadir o soco e então guiar o braço do atacante na direção do seu ataque enquanto, ao mesmo tempo, assegurar a oportunidade de ganhar pleno controle de seu braço e fazendo isto, desequilibrá-lo. Na forma inteiramente relaxada da execução do *Ju no Kata* se pode aprender e praticar algo da arte da auto-defesa.

Há outros benefícios que talvez também dele advenham. Não apenas entre especialistas em judô ele é largamente praticado, mas também entre pessoas do público em geral, muitos dos quais dizem que ganham benefícios físicos como resultado de praticá-lo.

Em 1887 eu concebi apenas dez técnicas de *Ju no Kata*, mas depois adicionei mais cinco, perfazendo o total das quinze atuais.

Adicionalmente ao *Ju no Kata* existe o *Go no Kata*, ou *Go-Ju no Kata* como é chamado algumas vezes. Ele é em essência uma luta opondo força contra força, após o que, um dos executantes substitui força por flexibilidade para ganhar a vitória final sobre o seu oponente. Por algum tempo esse *kata* foi ensinado na Kodokan, mas, em razão de conter algumas técnicas que são agora consideradas insatisfatórias, ele foi abandonado. Eu acredito que seja necessária uma revisão geral desse *kata*.

59. Itsutsu no *Kata*

Outro dos *kata* atuais é o *Itsutsu no Kata*, as cinco formas. Apesar deste *kata* não estar ainda finalizado, os judocas já o estão praticando. As primeiras duas das cinco projeções são similares às técnicas contidas no *Kito ryu Kata*, as restantes, contudo, não guardam qualquer semelhança com o *jujutsu* tradicional. Originalmente as artes marciais eram necessárias tanto para o ataque quanto para a defesa. De fato, ao longo dos anos, as execuções habilidosas de tais técnicas foram sendo veneradas e, tal como hoje, consideradas muito mais importantes que o objetivo final do antigo *jujutsu*, que era simplesmente o ato de matar-se o adversário.

Para esboçar uma comparação com as antigas práticas de negócios, antes da invenção das moedas, o comércio era conduzido por meio de escambo, os bens eram trocados entre o comprador e o vendedor. Posteriormente, uma quantidade fixada de dinheiro era paga entre comprador ao vendedor; este foi o primeiro estágio da apropriação de valor monetário aos bens. As primeiras moedas eram na forma de conchas raras e depois as cunhagens em ouro, prata, cobre e ferro foram introduzidas. Subsequentemente, em razão de sua conveniência, o papel moeda impresso, apesar de virtualmente sem valor próprio, substituiu a cunhagem em metais preciosos. Mais

do que receber o papel-moeda, a confiança entre comprador e vendedor passou a ser tida como da máxima importância. Sem esta base de mútua confiança e a conveniência do papel-moeda, os negócios do comércio não poderiam florescer.

Finalmente, o dinheiro tornou-se mais valioso do que os bens que a moeda poderia comprar. Essa mudança no princípio básico do comércio é também claramente vista no desenvolvimento das artes marciais. O objetivo original de utilizar o *jujutsu* num embate era o mesmo objetivo do *bujutsu*⁶; a saber: matar o inimigo, rapidamente, por quaisquer meios que se dispusesse o que frequentemente inclui o uso da pura força bruta. A habilidade na execução das técnicas empregadas para atingir este objetivo no campo de batalha era, evidentemente, totalmente irrelevante. Com frequência, entretanto, os elementos essenciais necessários para atingir esse fim pelo atacante eram compostura e agilidade, bem como expertise técnica; não necessariamente força física. Portanto, esses elementos que não eram influenciados pela força irrestrita poderiam de fato determinar o resultado em uma luta até a morte. Tais elementos tornaram-se altamente valorizados no *bujutsu*. A serenidade a perícia e outras qualidades libertas dos atributos de puro esforço físico tornaram-se considerações importantes. Os tradicionais *Kito ryu*, *Kyushin ryu jujutsu* e outros estilos influenciaram este desenvolvimento muito significativo.

Por essa razão, o professor de *kata* experiente dando instruções para um combate de “luta até a morte” não está sempre concentrando suas instruções apenas para um resultado vitorioso, uma vez que a habilidosa demonstração de *kata*, ela mesma, tem em essência se tornado uma consumada forma de arte. Assim, o tradicional *kata* de *jujutsu* não é apenas para propósitos da direta confrontação de vida ou morte, mas em alguns aspectos a performance das habilidades é hoje vista como uma realização. Isto é notável. O ideal é promovido nas artes marciais, em todos os sentidos, pela graciosa apresentação dos movimentos do *kata* e pela cooperação entre atacante e defensor na prática das habilidades de luta, as quais são, na verdade, hoje, muito mais admiradas. Na execução do *Itsutsu no Kata*, são representados movimentos similares a vários fenômenos naturais, tais como o de um redemoinho d’água; os movimentos de corpos celestes e outros de mesma natureza são demonstrados.”

Fim da tradução.

Palavras finais

De acordo com Draeger e Otaki⁷, os japoneses leem o ideograma 形 como *katachi* ou *kata*, para os quais se pode encontrar mais de uma palavra equivalente em português, por exemplo: forma, formato, tamanho, estilo, entalhe, modo, molde, modelo, convenção, tradição,

⁶ *Bujutsu* é o conjunto das artes marciais tradicionais japonesas. Faziam parte do treinamento militar dos samurais (ou *bushi*) para uso na guerra.

⁷ OTAKI, Tadao e DRAEGER, Donn F.; *Judo Formal Techniques: a complete guide to Kodokan randori no kata* – 2001, Tuttle Publishing, pág. 441.

estereotipo. Contudo, salientam os autores, que nenhuma dessas palavras cobriria adequadamente as várias implicações do ideograma para *kata*. Tendo em vista que a idéia raiz desse ideograma se refere à forma, aceitamos esta palavra como adequada e significativa também para os propósitos desta tradução. Ainda de acordo com Draeger, o ideograma 形 sempre transmite uma idéia animada e, portanto, não deve ser confundido com o ideograma 型, também lido *kata* ou *gata*, mas com a conotação de inanimado, inerte, grosseiro, forma sem vida.

Por esta razão, entendemos que a apresentação de uma forma vazia de conteúdo não representa o verdadeiro *kata* do Judô; há que se treinar muito (tanto *randori* quanto *kata*) para absorver o conteúdo do Judô e transmiti-lo quando da execução dos *katas*.

Com isso em mente são ministrados os cursos da FGJ, através de sua Comissão de Graus, visando à realização de *katas* que revelem os princípios fundamentais do Judô e não a execução de um 型, que seja um simulacro de Judô, onde se ignora o conteúdo dos movimentos realizados, esvaziados de vitalidade e significado. Dessa forma, conclamamos aos alunos e seus professores que se dediquem ao sincero estudo dos *katas*, e mais do que isto, esforço em treino, a fim de se obtenha os resultados desejados na melhoria do Judô de todos.